

PADRÕES SILÁBICOS NO PORTUGUÊS DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE: RELAÇÕES COMPLEXAS

SYLLABLE PATTERNS IN SÃO TOMÉ AND PRÍNCIPE PORTUGUESE: COMPLEX RELATIONSHIPS

Amanda Macedo Balduino | [Lattes](#) | amanda.m_b@hotmail.com

Universidade Estadual de Campinas

Resumo: Neste artigo discutimos a silabificação no português urbano de São Tomé e Príncipe (PSTP), com base no exame de alguns processos fonológicos: apagamentos de clusters, coda e núcleo; ensurdecimento vocálico; vocalização, nasalização e posteriorização do rótico. Tais fenômenos, embora tratados, comumente, de forma independente pela literatura, quando analisados em conjunto podem refletir padrões silábicos diversos, trazendo uma visão ampla e complexa sobre o sistema em foco. De fato, o levantamento dos fenômenos no PSTP indica a atuação de duas trajetórias gramaticais paradoxais: a prevalência de sílabas CV fomentada por apagamentos e lenições, em que sílabas fechadas se adaptam em sílabas abertas, e a emergência de estruturas complexas, promovida, sobretudo, pela ressilabificação de sibilantes e pelo apagamento vocálico. Essas trajetórias contrastantes refletem a dificuldade de propostas tradicionais em explicar a variação observada no PSTP. Ressaltamos, a partir dos processos discutidos, a necessidade, em trabalhos futuros, em abordar a questão por modelos pautados no uso, que acomodem a variação, e possam abarcar a complexidade dos sistemas linguísticos.

Palavras-chave: Português de São Tomé e Príncipe. Sílaba. Processos Fonológicos. Padrões Paradoxais.

Abstract: In this paper we discuss syllabification in an Urban Portuguese variety spoken in São Tomé and Príncipe (PSTP). In order to do that, we analyzed some phonological processes: clusters, coda and nucleus deletions; vowel devoicing; vocalization, nasalization and rhotic posteriorization. Such phenomena, although commonly treated independently, when examined together may reflect different syllabic patterns, showing a broad and complex view of the system. In fact, the phonological phenomena study in PSTP indicates two paradoxical grammatical trajectories: the prevalence of CV syllables triggered by deletions and lenitions, in which closed syllables adapt to open syllables, and

the emergence of complex structures caused by sibilants resyllabification and by vowel deletion. These contrasting trajectories reflect the difficulty of traditional proposals in explaining the variation observed in PSTP, making it necessary to approach the issue by models based on use, which accommodate the variation, and encompass the complexity of the linguistic systems.

Keywords: Portuguese of Sao Tome and Principe. Syllable. Phonological Processes. Paradoxal patterns.

Considerações iniciais/introdução

Neste artigo, discutimos as alterações silábicas, no Português de São Tomé e Príncipe (PSTP), promovidas pelos seguintes fenômenos fonológicos: apagamentos de clusters, coda e núcleo; ensurdecimento vocálico; vocalização, nasalização e posteriorização do rótico. Abarcamos, para tanto, dados de duas macro-variedades urbanas de São Tomé e Príncipe (STP): o Português de São Tomé e o Português do Príncipe. Com base no trabalho de Cristófaró Silva (2016), para o português brasileiro, demonstraremos que, assim como nesta variedade, no PSTP são perceptíveis trajetórias silábicas distintas, demarcando a presença de uma relação complexa entre os padrões silábicos identificados em tais variedades. Isso ocorre, pois observamos não somente adaptações de sílabas fechadas ou formadas por clusters em sílabas abertas, com predominância do padrão CV, como também evidenciamos outputs com mais material segmental, ou templates complexos, os quais são caracterizados por sílabas fechadas ou mesmo por sílabas contendo três consoantes em onset CCCVC – padrão, inclusive, não previsto por propostas de silabificação tradicionais (Balduino, 2020).

Ao não nos limitarmos a uma análise isolada de tais fenômenos fonológicos, visamos indicar que, no PSTP, a tipologia silábica é variável e sujeita a trajetórias conflitantes: apresentando uma tendência a sílabas abertas CVV e CV, e, paralelamente, demarcando a emergência de sílabas complexas como CCCVC, CCCV, CVCC, entre outras. Assumindo que as línguas mudam continuamente a partir do uso que os falantes fazem das mesmas, pontuaremos que propostas de silabificação gerativas tradicionais não conseguem descrever e formalizar plenamente, com base em regras, os templates decorrentes de processos fonológicos no português de São Tomé e Príncipe, fazendo-se necessário abordar a questão por modelos que acomodam a variação fonológica e a situação de contato nas quais tais variedades emergiram e são faladas. Isto é, que possam abarcar a complexidade dos sistemas linguísticos.

A partir da análise de Cristófaró Silva (2016) para o Português Brasileiro, retomaremos os argumentos a favor do modelo dos Sistemas Adaptativos Complexos (SAC),

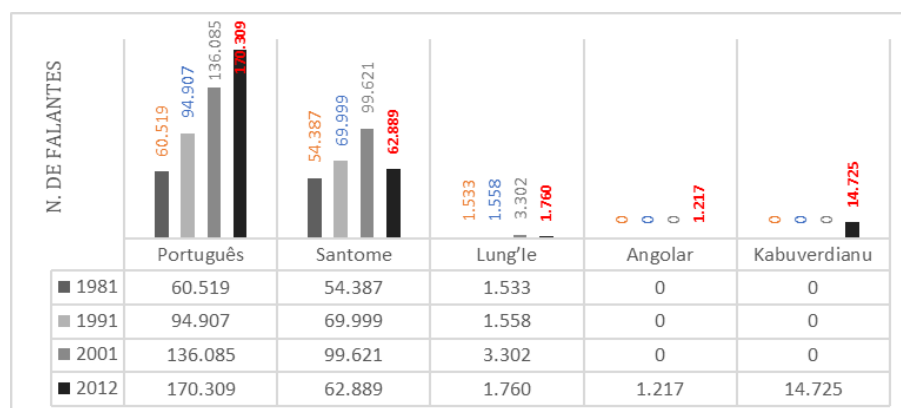
sugerindo que, como próximos passos de análise em relação aos padrões silábicos do português de São Tomé e Príncipe, essa perspectiva analítica seja considerada para explicar o aparente estado de desequilíbrio do sistema, o qual foi observado através da implementação de processos fonológicos de diferentes naturezas nessa variedade. Ressaltamos, assim, que este trabalho decorre de uma etapa descritiva em relação às sílabas no PSTP, a qual é justificada pela necessidade de sistematização de dados de variedades africanas de língua portuguesa que emergiram em uma situação de contato com outras línguas.

O artigo está organizado da seguinte forma: na seção 1, discutimos, brevemente, a consolidação do português como língua materna da população santomense e principense, indicando as demais línguas empregadas no arquipélago; na seção 2, apresentamos o corpus e os métodos de análise adotados; na seção 3, expomos os resultados da análise dos dados, avaliando os processos que conduzem a sílabas CV/CVV, bem como a sílabas complexas, como CCCVC, CCCV, CVCC; na seção 4, debatemos conjuntamente os dados e, por fim, tecemos as considerações finais, na seção 5.

1 Contexto linguístico de São Tomé

São Tomé e Príncipe (STP) é um país insular do Golfo da Guiné, na Costa Oeste Africana. Desde 1975, ano que marca a independência de STP, o português foi promulgado como única língua oficial do arquipélago, no entanto, línguas autóctones como o santome (ISO 639-3: CRI), o angolar (ISO 639-3: AOA) e o lung'le (ISO 639-3: PRI), além do kabuverdianu (ISO 639-3: KEA), uma língua transplantada pela migração cabo-verdiana a STP, também são faladas pelos seus habitantes, como indicado na figura 1 em que contrastamos os censos realizados no país entre 1981 e 2012. O angolar e o kabuverdianu passaram a compor o censo apenas em 2012, embora fossem faladas antes desse período no arquipélago.

Figura 1 – As línguas faladas em São Tomé e Príncipe



Fonte: Adaptado do INE (1981; 1991; 2001; 2012).

No gráfico da figura 1, reunimos os valores obtidos pelos diferentes censos realizados em STP a partir do período de pós-independência (de 1981 – 2012). Os resultados não são exclusivos, tampouco ideais, de forma que apenas contabilizaram o angolar e o kabuverdianu a partir de 2012. Além do mais, os censos não especificam a realidade multilíngue local, não discriminando se as línguas foram adquiridas como língua materna ou como segunda língua. Somando-se a isso, devemos considerar que alguns indivíduos não se autodeclararam falantes das línguas autóctones, embora possam usá-las em seu cotidiano. Contudo, a despeito desses problemas nos censos, é possível evidenciar que, paralela à ascensão do português, há um decréscimo no número de indivíduos que se autodeclararam falantes das línguas crioulas autóctones. Isso é demonstrado não somente pelo baixo número de usuários do lung'le e do angolar, mas também pode ser notado mediante a queda no total de falantes do santome nos últimos dois censos: 99.621 (2001) e 62.889 (2012).

O português é a língua mais falada no arquipélago (170.309), apresentando um considerável aumento nos 20 últimos anos (Gonçalves; Hagemeijer, 2015; ARAUJO, 2020; Balduino; Bandeira, 2022). Todavia, apesar dos efeitos glotocidas exercidos pelo português sobre as demais línguas do arquipélago, é preciso ressaltar que as diversas variedades da língua portuguesa faladas em STP emergiram em um cenário social e ecolinguístico complexo, acarretando mudanças estruturais e a emergência de padrões compartilhados com outras variedades do português, tais quais o português brasileiro (PB) e o português europeu (PE), mas também apresentando traços próprios e inovadores (Gonçalves, 2010; Crhistofoletti, 2013; Agostinho, 2016; Bouchard, 2017; 2018; Brandão *et al.*, 2017; Balduino, 2018; 2020; 2022; Braga, 2018; Gomes, 2018; Santiago, 2019, entre outros).

Não obstante o português ser a língua mais difundida no país, compondo a língua materna – e muitas vezes única – de parte substancial da população, a variedade nacional não é estandardizada, sendo um dos objetivos do sistema de ensino do arquipélago a incorporação e difusão da norma padrão europeia (lisboeta). Os manuais escolares, e até mesmo a mídia local, propagam a norma lisboeta, mesmo que esta não corresponda às variedades empregadas na comunidade de fala santomense e principense, e sequer seja falada pelos próprios professores, ou pelos profissionais que compõem a mídia nacional. Dessa forma, a descrição e análise dos padrões silábicos do PSTP tem, ainda como propósito, fomentar a possibilidade de admissão de uma norma estandardizada ao português

falado em STP – como já há para o PB e o PE -, de modo que as pressões exercidas pelo PE, na comunidade de fala em questão, sejam, com o tempo, cessadas.¹

Neste artigo, como previamente delimitado, analisamos uma variedade urbana sincrônica que circula no arquipélago: o português de São Tomé e Príncipe, abarcando, portanto, dados de duas macro-variedades: o português santomense (PST), emergido e falado na cidade de São Tomé, e o português principense (PP), variedade autóctone e empregada na cidade de Santo Antonio na ilha do Príncipe. Avaliaremos, assim, dados de ambas as variedades, coletados in loco, de modo a analisarmos as alterações silábicas resultantes da implementação de diferentes processos como apagamentos de clusters, coda e núcleo; ensurdecimento vocálico; vocalização, nasalização e posteriorização do rótico.² Nossa hipótese é que, assim como demonstrado por Cristófaró Silva (2016) para o PB, a análise conjunta de tais processos, no PSTP, possa oferecer uma visão panorâmica do sistema linguístico, permitindo que identifiquemos trajetórias silábicas conflitantes na variedade em foco. Defendemos, ainda, que os diferentes percursos de templates silábicos, no PSTP, não são plenamente explanados por regras e princípios propostos por abordagens de silabificação que se pautam exclusivamente no modelo gerativo tradicional. É preciso, portanto, observar fenômenos fonológicos de modo integrado ao sistema, e não apenas de modo fragmentado, além de considerar, também, o contexto multilíngue e de contato linguístico no qual o PSTP foi estabelecido e está inserido.

2 Metodologia

O estudo é baseado em um corpus coletado em dois trabalhos de campo em São Tomé e Príncipe durante os anos de 2016 (Agostinho; Balduino, 2016) e 2019 (Balduino, 2019). Os dados foram gravados em formato wav com os gravadores Olympus DM-650 e Zoom H4n e com o microfone AKG C 520 L. Mediante a repetição da frase-veículo “Eu falo X baixinho”, em que X correspondia ao item lexical alvo, coletamos três ocorrências de cada item, descartando, completamente, a primeira rodada de dados gravados. Na tabela 1 apresentamos o número de itens e ocorrências investigadas para cada processo em evidência.

¹ Reconhecemos a complexidade em torno do conceito de norma, a qual, no contexto de STP, carece de uma análise aprofundada. Em consonância com Castilho (2002), Faraco (2008) e Neves (2021), para o PB, assumimos que o conceito de norma linguística transpassa fatores de ordem estrutural e sociopolítica que moldam e são moldados a partir de ideologias linguísticas. Conforme ressaltado por Signorini (2021 [2006], p. 172), a variação linguística, muitas vezes, é compreendida como sinal de “perda, decadência ou crise”. Em decorrência disso, há um grande esforço para equiparar a legitimidade do falante e de sua língua ou variedade à aquisição de padrões fixos institucionalizados que apagam e neutralizam as diferenças dos usuários de uma dada língua ou variedade (cf. Bandeira; Balduino, no prelo - para uma discussão sobre contato e ensino nos cenários brasileiro e santomense).

² O PST e o PP serão referidos como PSTP, exceto quando tratarmos de alguma especificidade da variedade santomense ou principense. Nesses casos, a nomenclatura PST ou PP será mantida.

Tabela 1 – Total de dados analisados

Fenômeno	N. Itens	Total de Ocorrências
Apagamento Consonantal	161	3.864
Vocalização	55	1.700
Nasalização	129	2.580
Posteriorização	75	1.800
Desvozeamento e Apagamento Vocálico	90	2.160

Fonte: Elaboração da autora.

O total de ocorrências, na tabela 1, contempla os dados de ambas as macro-variedades consideradas, sendo que cada uma das ocorrências que compuseram o corpus foi submetida a exames espectrais, pelos quais pudemos atestar ou não a presença dos fenômenos. Durante a análise dos padrões silábicos, na seção 4, apresentaremos alguns espectrogramas quando nos referirmos aos fenômenos, sendo que, nestes, sempre especificaremos a qual macro-variedade (PST e PP) a produção pertence.

De modo a identificar os processos de apagamentos de clusters, coda e núcleo; ensurdecimento vocálico; vocalização, nasalização e posteriorização do rótico, trabalhamos com um corpus heterogêneo do PSTP, formado por dados de falantes de português como língua materna e naturais da ilha de São Tomé e da Ilha do Príncipe, sendo a língua materna e a naturalidade os únicos critérios adotados para seleção dos participantes da pesquisa. Os informantes eram homens e mulheres com idade e escolaridade diversos, como demonstrado na tabela 2, no qual especificamos a variedade a qual os falantes pertenciam.

Tabela 2 – Perfil dos informantes participantes.

PST			PP		
Idade	Sexo	Escolaridade	Idade	Sexo	Escolaridade
18	M	Alta	18	M	Alta
18	F	Alta	18	F	Alta
18	F	Alta	18	F	Alta
19	M	Alta	18	F	Alta
19	M	Alta	19	M	Alta
20	M	Alta	20	F	Alta
22	F	Média	20	M	Alta
23	M	Média	23	M	Alta
23	M	Alta	30	F	Média
24	M	Alta	30	M	Alta
29	F	Alta	31	M	Alta
39	F	Média	43	F	Média
51	M	Média	60	M	Baixa

Fonte: Elaboração da autora.

Apesar de a análise sociolinguística não ser um dos nossos propósitos, neste estudo, ressaltamos que fatores extra-linguísticos, como faixa etária, escolarização, sexo, bilinguismo, dentre outros, podem ser aspectos que afetem os fenômenos aqui avaliados.³ No entanto, dado que nosso foco é, justamente, contemplar a variação identificada nos padrões silábicos do PSTP, um corpus que possa oferecer uma visão ampla dos fenômenos estudados, na comunidade de fala considerada, cumpre melhor os objetivos deste trabalho e, por isso, em nossa análise, não padronizamos variáveis sociais. Além disso, os processos aqui avaliados foram identificados, em maior ou menor grau, na fala de todos os informantes, sugerindo, então, que a despeito de fatores como faixa-etária, escolarização, entre outros, poderem constituir variáveis fixas significativas, os fenômenos já estão disseminados no PSTP, permeando a fala dos diferentes integrantes da comunidade de fala avaliada.

As seções de gravações foram realizadas em ambientes fechados que pudessem limitar ruídos externos, e eram iniciadas, sempre, após explicarmos, verbalmente, o objetivo da pesquisa e, também, após os participantes consentirem sua participação. Isso feito, utilizamos, ainda, um formulário pelo qual extraímos algumas informações pessoais dos informantes que poderiam ser relevantes tendo em vista o contexto multilíngue no qual o PSTP emergiu e é falado. Essas perguntas abarcaram: (i) idade/data de nascimento; (ii) escolaridade; (iii) naturalidade; (iv) naturalidade dos pais; (v) fala outras línguas?; (vi) compreende outras línguas? e (vii) já saiu de São Tomé e Príncipe alguma vez? Por quanto tempo? Em geral, grande parte dos participantes tinham pais santomenses e/ou principenses, sendo que, apenas para alguns informantes mais velhos, os avós poderiam ser cabo-verdianos ou descenderem de pais cabo-verdianos. Já em relação à última pergunta, quatro participantes afirmaram já terem viajado para Cabo Verde ou Portugal, onde são faladas outras variedades da língua portuguesa, além de, no caso de Cabo Verde, diferentes variedades do kabuverdianu. A estadia dos informantes nesses países, contudo, não ultrapassou 02 meses e nenhum deles estudou ou trabalhou nos países referidos.

Estabelecida a composição do corpus, na seção 3, a seguir, descrevemos alguns processos fonológicos do PSTP com base na análise dos dados coletados, bem como no levantamento da literatura especializada em aspectos fonológicos nas variedades de STP (Agostinho, 2016; Bouchard, 2017; 2018; Balduino, 2018; 2020a; 2020b; 2022;

³ Embora não haja, até então, estudos sociolinguísticos dedicados à nasalização e ao apagamento vocálico no PSTP, trabalhos como Christofolletti (2013), Brandão *et al.* (2017), Gomes (2018), Vieira e Balduino (2021) avaliam fenômenos fonológicos a partir da perspectiva da sociolinguística variacionista.

Santiago; 2019; Agostinho; Mendes, 2020; entre outros). Como nosso foco é uma análise conjunta dos fenômenos, não avaliaremos, exaustivamente, cada um dos processos elencados. Ressaltamos, entretanto, que as análises fragmentadas na literatura, realizadas previamente, foram fundamentais para que pudéssemos avaliar os processos de maneira conjunta, tendo, assim, uma visão ampla do sistema. É, dessa forma, de extrema relevância que haja mais trabalhos dedicados à descrição e análise linguística de variedades africanas da língua portuguesa, área que, a despeito do número crescente de trabalhos dos últimos anos, ainda apresenta um número esparso de estudos quando comparada à literatura voltada a variedades como o PB e o PE.

Neste artigo, concentrar-nos-emos, sobretudo, nos templates silábicos resultantes da implementação de fenômenos fonológicos distintos. Observando, desse modo, casos em que sílabas fechadas do PSTP, mediante apagamentos consonantais, vocalização e nasalização, são modificadas para templates CV ou CVV, isto é, para sílabas abertas. Além disso, investigaremos possíveis percursos inversos: dados em que sílabas CV, VC ou CVC são alteradas para estruturas, tipicamente, classificadas como mais complexas, como CCCVC – resultado obtido por meio da ocorrência de processos de ensurdecimento e apagamentos de vogais átonas. Discutiremos, ainda, a posteriorização do rótico, a qual resulta na lenição de coda, reforçando um padrão silábico que se encaminha à estrutura CV, porém indicando, também, a emergência de novas sequências sonoras em onsets – fatos não explicados por teorias gerativas tradicionais. Por fim, demonstraremos, com base no estudo de Cristóvão Silva (2016), que a tipologia silábica no PSTP deve ser analisada considerando as relações complexas desse sistema, abarcando, assim, a inter-relação entre os diversos fenômenos fonológicos que apontam para outputs distintos e muitas vezes controversos.

3 Fenômenos do Português de São Tomé e Príncipe: estruturas silábicas

Nesta seção, investigaremos diferentes processos fonológicos do PSTP que, analisados em conjunto, oferecem uma visão ampla do sistema, pela qual podemos identificar algumas relações complexas que caracterizam o PSTP enquanto variedade. Com foco na sílaba, examinamos: apagamentos de cluster e coda (seção 3.1); vocalização (seção 3.2); nasalização (seção 3.3); posteriorização do rótico (seção 3.4) e ensurdecimento e apagamento vocálico (seção 3.5).

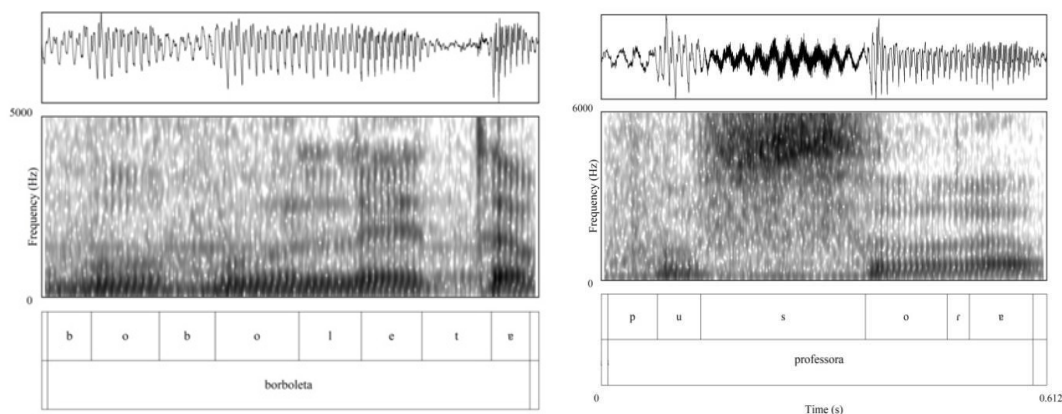
3.1 Apagamentos de clusters e coda

Apagamentos segmentais de clusters e codas são recorrentes no PSTP, podendo atingir qualquer uma das consoantes licenciadas como C2 de um onset complexo (1.a-b), ou ter como alvo a coda (1.c-d) (Balduino; Vieira; Freitas, 2020).

- (1) a. problema [pro. 'ble.mɐ] ~ [po. 'be.mɐ]
- b. graça ['gra.sɐ] ~ ['ga.sɐ]
- c. pulmão [puł. 'mẽu] ~ [pu. 'mẽu]
- d. farol [fa. 'ɾol] ~ [fa. 'ɾo]

Os processos de apagamento retratados são amplamente verificados no PSTP, especialmente na coda (Balduino; Vieira; Freitas, 2020; BALDUINO, 2022). Na figura 2, apresentamos modelos de espectrogramas retirados do corpus que exemplificam tal fenômeno. Considerando a palavra borboleta [bo.bo. 'le.tɐ], temos o apagamento do rótico em coda na primeira sílaba, a qual, com o fenômeno, é realizada como [bo]. Já em relação ao item professora [pu. 'so.rɐ], além do alçamento da vogal média [o], o apagamento do rótico como C2 de um onset complexo é perceptível, resultando na produção de [pu] na primeira sílaba. Ademais, nesse mesmo exemplo, identificamos o apagamento da sílaba <fe>, segunda sílaba pretônica da palavra. Não detalharemos tal redução em nossa análise, porém, em nosso corpus, apagamentos desse tipo e, principalmente, de postônicas não finais foram recorrentes. Estes, embora não promovam, sempre, alteração no template silábico, alteram o tamanho da palavra, podendo indicar, assim, uma relação com a atribuição do acento no PSTP.

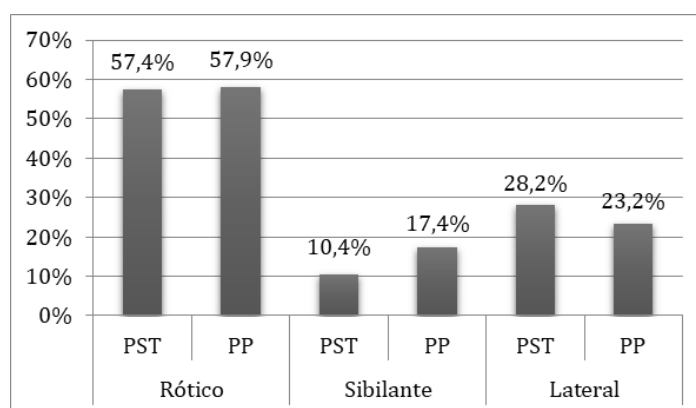
Figura 2 – Espectrogramas dos itens borboleta [bo.bo. 'le.tɐ] e professora [pu. 'so. rɐ] produzidos por um falante do PST e do PP, respectivamente



Fonte: Elaboração da autora a partir do script de Torres (2005).

Tendo em vista a coda, Balduino, Vieira e Freitas (2020), com base em um corpus de fala espontânea, também indicam a produtividade de apagamento de róticos, lateral e sibilante em coda. As autoras chamam atenção, entretanto, para o fato de que a frequência dos apagamentos não é homogênea para todos os segmentos no português santomense (PST) e principense (PP), como exposto na figura 3.

Figura 3 – Distribuição de apagamento de /r/, /s/ e /l/ em coda no PST e no PP



Fonte: Balduino, Vieira e Freitas (2020, p. 22).

Além da proporção de apagamentos, em coda, não ser homogênea – e mesmo não ser sequer semelhante – entre as variedades estudadas, Balduino, Vieira e Freitas (2020) verificam, ainda, que nem sempre há uma coincidência entre as variáveis que exercem um efeito positivo sobre o apagamento em coda. A variável posição do segmento na palavra, se medial ou final, por exemplo, embora favoreça o apagamento do rótico e da sibilante em final de palavra morfológica, não foi uma variável selecionada para a lateral no PP (Balduino; Vieira; Freitas, 2020, p. 22).

Com relação ao apagamento de onsets complexos, Balduino (2022), a partir da análise de 201 ocorrências para cada variedade, aponta que o rótico foi elidido em 14,9% (30/201) dos dados para o PST e em 15,4% (31/201) dos dados para o PP. Não há estudos que indiquem a proporção de apagamentos da lateral enquanto C₂ de um onset complexo, todavia, com base no corpus analisado neste artigo, atestamos sua ocorrência em itens como problema [pu. 'be.mə] e globo ['go.bu] em ambas as variedades.

Na tabela 3, indicamos as alterações de templates silábicos promovidas pelos apagamentos consonantais no PSTP. Contemplamos, nesta tabela, as estruturas observadas

nos dados deste estudo e que também estão de acordo com achados de trabalhos prévios. Como resultado, temos, invariavelmente, uma sílaba CV, o que poderia ser indício de que o PSTP privilegia esse tipo de estrutura em detrimento às sílabas CVC e CCV. Porém, como proposta deste artigo, avaliaremos essa possível tendência considerando, ainda, outros processos da língua.

Tabela 3– Templates silábicos: apagamentos consonantais no PSTP.

Palavra			Template Original	Template Resultante
Verde	[ˈveʁ.dɪ]	~ [ˈve.dɪ]	CVC	CV
Mesmo	[ˈmeʃ.mʊ]	~ [ˈme.mʊ]	CVC	CV
Difícil	[di.ˈfi.sɪɫ]	~ [di.ˈfi.sɪ]	CVC	CV
Problema	[pɾu.ˈble.mɐ]	~ [pu.ˈbe.mɐ]	CCV	CV
Criança	[kɾi.ˈẽ.sɐ]	~ [ki.ˈẽ.sɐ]	CCV	CV

Fonte: Elaboração da autora.

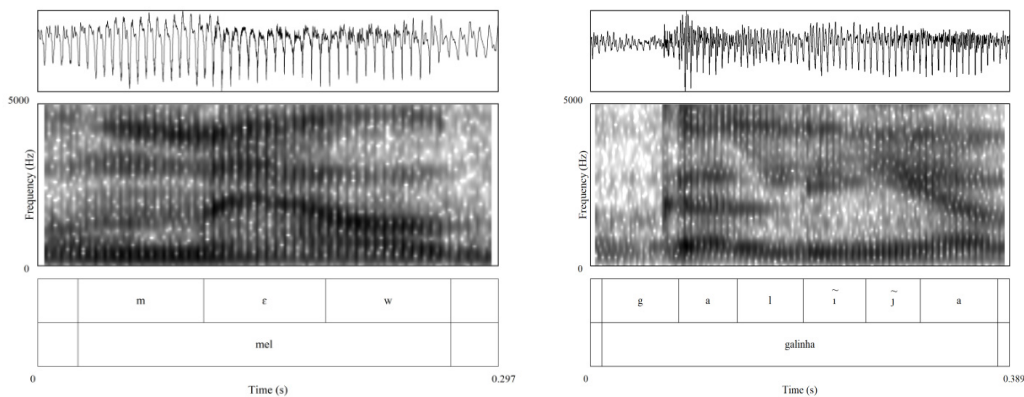
3.2 Vocalização

A vocalização é observada quando uma determinada consoante perde seu traço consonântico e adquire características de uma vogal. No PSTP, esse fenômeno tem como alvo, principalmente, a lateral em coda, resultando na produção de [w] (2.a-b) (Balduino; Vieira, 2020; Balduino, 2022). Além da vocalização da lateral em coda, esse fenômeno pode atingir, também, a nasal palatal, a qual é produzida como [j] (2.c-d) (BALDUINO, 2020b).

- (2) a. bolso [ˈbow.sʊ]
 b. alface [aw.ˈfa.sɪ]
 c. banho [ˈbẽ.jʊ]
 d. senhor [sĩ.ˈjo]

Na figura 4, expomos espectrogramas que exemplificam a vocalização observada em nosso corpus, e também é relatada em trabalhos como Balduino (2020a;b), Balduino e Vieira (2020), Balduino, Vieira e Freitas, (2020). O item mel [ˈmɛw] exemplifica a produção do glide [w], enquanto galinha [ga.ˈlĩ. ja] foi produzida com o glide [j]. Ambas as formas alternam com itens como [ˈmɛɫ] e [ga.ˈlĩ.ja], respectivamente.

Figura 4 – Espectrogramas dos itens mel ['mɐw] e galinha [ga.'lĩ. ʝa] produzidos por falantes do PP



Fonte: Elaboração da autora a partir do script de Torres (2005).

Em relação à sílaba, notamos que a vocalização promove a alteração de templates CVC em CVG, no caso da lateral em coda, ou de CVC.CV em CV.GV, para as nasais palatais - considerando seu comportamento ambissilábico (Wetzels, 1997; Balduino, 2020b). Os resultados podem ser confirmados na tabela 4, onde os templates decorrentes da vocalização da lateral em coda e da nasal palatal ambissilábica são interpretados como articulações vocálicas que levam à manifestação de uma sílaba aberta formada por glide [w] ou [j].

Tabela 4 – Templates silábicos: vocalização no PSTP.

Palavra			Template Original	Template Resultante
Mal	[ˈmaɫ]	~ [ˈmaɰ]	CVC	CVG
Palmeira	[paɫ.ˈme.ɾɐ]	~ [paw.ˈme.ɾɐ]	CVC	CVG
Senhor	[sĩ.ˈno]	~ [sĩ.ˈjo]	CVC.CV	CV.GV
Galinha	[ga.ˈlĩ.ɲa]	~ [ga.ˈlĩ. ʝa]	CVC.CV	CV.GV

Fonte: Elaboração da autora.

Com base no PB, Cristófaro Silva (2016) defende que a vocalização da lateral já está em um estágio avançado de consolidação nessa variedade, ocorrendo em meio e final de palavra. No PSTP, sua ocorrência também é observada em diferentes posições da palavra, em sílabas átonas e tônicas (Balduino; Vieira, 2020; Balduino, 2022), contudo, não configura um processo avançado, sendo o apagamento da lateral um fenômeno ainda

mais comum que a vocalização (Balduino; Vieira; Freitas, 2020). Apesar de a vocalização não ser um processo tão consolidado no PSTP, suas ocorrências, em conjunto com a possibilidade dos apagamentos, reforçam uma tendência de sílaba aberta no português de São Tomé e Príncipe, visto que nessa variedade consoantes podem adquirir articulações vocálicas caso ocupem a coda.

3.3 Nasalização tautossilábica

No PSTP, a nasalidade tautossilábica é engatilhada por uma coda nasal e tem como alvo a vogal tautossilábica imediatamente à esquerda, como indicado em (3).

- (3) a. banco [ˈbẽ.kũ]
b. bombom [bõ.ˈbõ]

Esse fenômeno é atestado em contexto tônico e átono, sendo opcional em fronteira de palavra (Balduino, 2018; 2022). A nasalização pode ser acompanhada pelo apagamento da coda nasal, que ocorre após o espraçamento da nasalidade como em (4.a), ou mesmo antes de tal assimilação (4.b), inviabilizando o processo (Araujo; Balduino, 2019).

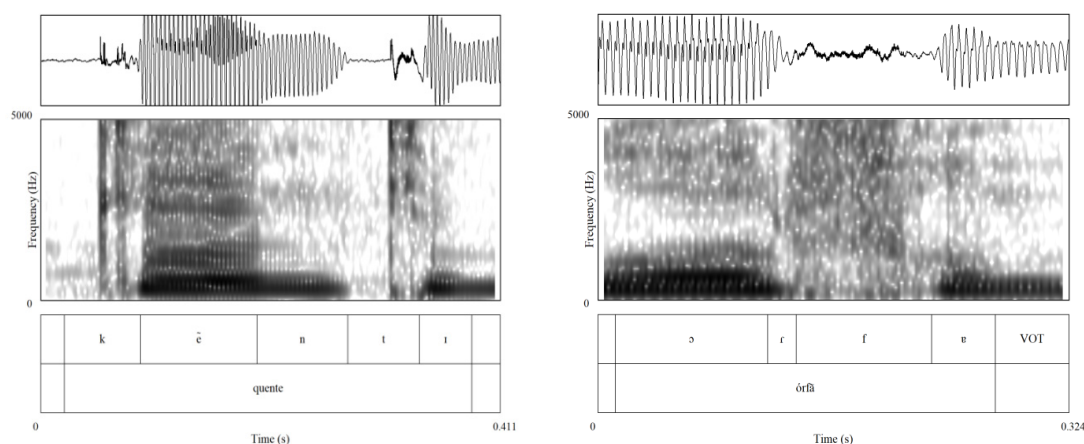
- (4) a. grande [ˈgrẽn.dɪ] ~ [ˈgrẽ.dɪ]
b. irmã [iɾˈmẽ] ~ [iɾˈma]

Além do mais, vogais médias finais em contexto de nasalização podem, no PSTP, ser ditongadas. Dessa forma, não somente a consoante nasal em coda é perdida, como também o ditongo reduzido pode ser reduzido, como em (5), perdendo por completo, assim, o traço de nasalidade.

- (5) a. jovem [ˈʒõ.vẽ] ~ [ˈʒõ.vẽj] ~ [ˈʒõ.vɪ]
b. homem [ˈõ.mẽ] ~ [ˈõ.mẽj] ~ [ˈõ.mɪ]

Na figura 5, os espectrogramas das palavras quente [ˈkẽn.tɪ] e órfã [ˈɔɾ.fɐ] exemplificam casos em que temos a produção de uma consoante nasal em coda, assim como a possibilidade de apagamento. No item órfã [ˈɔɾ.fɐ], após a produção da vogal final, temos o voiced onset time (VOT) de [b] da palavra ‘baixinho’ que compunha a frase veículo “Eu falo órfã baixinho”.

Figura 5 – Espectrogramas dos itens quente ['kẽn.tɨ] e órfã ['ɔɾ.fẽ] produzidos por um falante do PST e do PP, respectivamente



Fonte: Elaboração da autora a partir do script de Torres (2005).

A tabela 4 reúne as alterações silábicas promovidas pela nasalização e/ou pelo apagamento da consoante nasal em coda. No template original, consideramos a estrutura CVN, em que N corresponde a uma consoante nasal fonológica como sugerido por trabalhos como Araujo e Balduino (2019).

Tabela 4 – Templates silábicos: nasalização

Palavra			Template Original	Template Resultante
Tanto	['tẽn.to]	~ ['tẽn.to]	CVN	CV
Irmã	[iɾ'mẽ]	~ [iɾ'ma]	CVN	CV
Jovem	['ʒɔ.vẽj]	~ ['ʒɔ.vẽ] ~ ['ʒɔ.vɨ]	CVN	CVG ~ CV ~ CV

Fonte: Elaboração da autora.

Semelhantemente ao caso do apagamento e da vocalização, a nasalização é um fenômeno que pode promover a alteração de um template CVC em CV ou CV. Sendo assim, corroborando os resultados anteriores, a análise conjunta de tais fenômenos justificam a prevalência de sílabas abertas no PSTP – assim como pontuado para o PB (Cristófaro Silva, 2016). O apagamento da coda nasal, no entanto, parece estar em um estágio mais avançado em relação ao apagamento das demais codas nas variedades de STP. Isso ocorre porque a nasal em coda final embora possa ser manifestada como um murmúrio nasal (Balduino, 2018), nunca promove ressilabificação como as demais consoantes em coda como em: mi[lo]itocentos vs *bombo[no]tel.

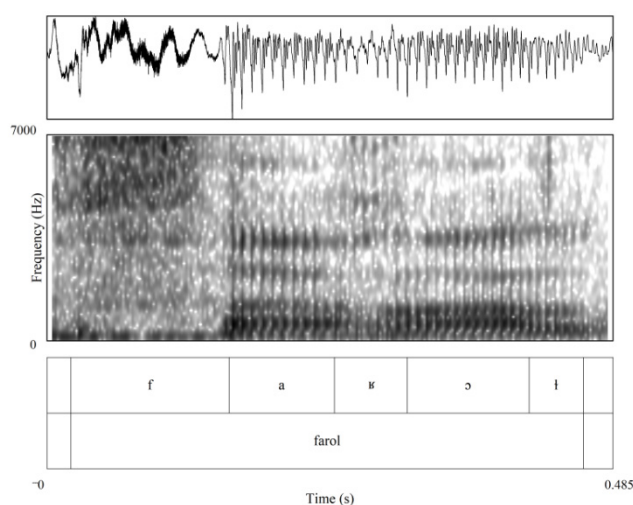
3.4 Lenição e perda de contraste do rótico

Os róticos, no PSTP, podem ser realizados como um tepe [ɾ], uma vibrante alveolar [r], ou ser posteriorizado em [x, ɣ, h, ɦ, ʀ, ʁ], sendo o processo de posteriorização do rótico aqui compreendido como um fenômeno de lenição, isto é, de enfraquecimento de gestos durante o processo articulatório (Rennicke, 2016). Distintamente do português brasileiro e europeu, as formas posteriorizadas são observadas em coda e em onsets complexos (quando o rótico ocupa a posição de C2), como em (6.a), e em contexto intervocálico, variação que produz homônimos homófonos como (6.b) e (6.c) (Agostinho, 2016; Bouchard, 2017; Brandão *Et Al.*, 2017; Agostinho; Mendes, 2020; Balduino, 2022).

- (6) a. prato [ˈpʁa.tɔ] ~ [ˈpra.tɔ]
 b. caro [ˈka.ʁɔ] ~ [ˈka.rɔ]
 c. carro [ˈka.ʁɔ] ~ [ˈka.rɔ]

Em nossos dados, [ʁ] foi a forma mais frequente (67,5% (226/335) entre os róticos posteriorizados) e, portanto, utilizaremos tal representação para referir todas as possibilidades posteriorizadas neste artigo. Na figura 5, expomos um espectrograma que exemplifica a posteriorização do rótico observada em posição intervocálica, processo referido em trabalhos como Agostinho (2016), Bouchard (2017), Agostinho e Mendes (2020).

Figura 6 – Espectrogramas do item farol [fa.ˈʁɔɾl] produzido por um falante do PP



Fonte: Elaboração da autora a partir do script de Torres (2005).

A palavra farol [fa.'kɔɾɫ] é produzida com [ɾ], isto é, como um r-forte, adotando a terminologia de Câmara Jr. (1970), em um contexto em que, no PB e no PE, apenas o r-fraco é licenciado. Conforme Agostinho, Soares e Mendes (2020), o emprego de formas posteriorizadas, em diferentes templates silábicos, decorre de uma fusão e perda de contraste dos róticos nas variedades de STP. Para os autores, a mudança que atinge os róticos, nas variedades em questão, seria reflexo do estatuto quase-fonêmico dos chamados r-forte e do r-fraco, uma vez que, no PB e no PE, e, possivelmente, em variedades preteritas do português levadas ao arquipélago, o único contraste estabelecido pelo r-forte [ɾ, h, x, R, ʁ] e o r-fraco [r] é o contexto intervocálico.

Além disso, é preciso considerar, de acordo com Agostinho, Soares e Mendes (2020), a baixa carga funcional do rótico no sistema do PSTP, pois o r-forte e o r-fraco produzem poucos contrastes fonêmicos em comparação a outros segmentos da língua, como /t, d/, /p, b/, entre outros. Por fim, os autores apontam, também, como fator relevante, o contato linguístico com as línguas crioulas faladas na região, em especial o lung'le, língua em que não há contraste de róticos (Agostinho, 2015; Agostinho; Soares; Mendes, 2020).

Sejam quais forem as razões que motivaram a mudança dos róticos no PSTP, notamos que sua posteriorização indica um enfraquecimento consonantal que pode, eventualmente, culminar em seu apagamento, como discutido na seção 4.1. A gradiência fonética e sincrônica de róticos assinala uma alteração na articulação de [ɾ, r]. Isto é, os róticos, antes produzidos com uma constrição completa, passam a ser realizados a partir de uma constrição com fluxo de ar turbulenta, caracterizando as fricativas em onset e coda, e resultando, também, na emergência templates silábicos inovadores. Assim como indicado, previamente, por Balduino (2020b) para o PP, a lenição do rótico, no PSTP, gera novas combinações segmentais, contendo sequências de fricativas, ou mesmo de oclusivas e fricativas em sua composição. Essas possibilidades são expressas na tabela 5.

Tabela 5 – Templates silábicos: lenição do rótico no PSTP

Palavra			Template Original	Template resultante	
Carro	['ka.ɾ <u>u</u>]	~ ['ka.ɣ <u>u</u>]	CV	^{CV}	[ɾ] ~ [ɾ, h, x, R, ʁ] em posição intervocálica
Caro	['ka.ɾ <u>u</u>]	~ ['ka.ɣ <u>u</u>]	CV	^C ɾ	
Arroz	[a. 'ɾ <u>oʃ</u>]	~ [a. 'ɣ <u>oʃ</u>]	CV	CV	

Prato	['pra.to]	~ ['pɾa.to]	CCV	C ₁ ɾV	Oclusiva + fricativa
Petróleo	[pe.'trɔ.liu]	~ [pe.'tɾɔ.liu]	CCV	C ₁ ɾV	
Brasil	[bra.'ziɫ]	~ [bɾa.'ziw]	CCV	C ₁ ɾV	
Fraco	['fra.ko]	~ ['fɾa.ko]		C ₁ ɾV	Fricativa + fricativa
Fresco	['freʃ.ko]	~ ['fɾeʃ.ko]	CCVC	C ₁ ɾVC	

Fonte: elaboração própria.

Na tabela 5, expomos os templates silábicos resultantes da lenição do rótico no PSTP. Em destaque estão os róticos posteriorizados que indicam um padrão segmental inovador quando comparado a variedades como o PB e o PE. A alternância entre tepes e róticos posteriorizados em onset intervocálico (CV.ɾV ~ CV.ɾV) não promove alteração de template ou de sequências sonoras, sendo mantida a sílaba CV, em que [ɾ] ou [ɾ] são produzidos como onset simples. Na coda e como segundo segmento de um cluster, todavia, apesar da manutenção dos templates silábicos a despeito da lenição, observamos a produção de sequências sonoras não previstas pelas regras de silabificação tradicionais atribuídas ao português.

De acordo com a teoria gerativa tradicional, os traços licenciados em C₁ e C₂, em um onset complexo, obedecem ao princípio inviolável de sonoridade (Goldsmith, 1990): no português, C₁ é, necessariamente, uma obstruinte e C₂ uma líquida. Logo, em direção ao núcleo de uma estrutura C₁C₂V, temos a seguinte sequência licenciada: obstruinte [p, b, t, d, k, g, f, v] > líquida [l, ɾ] > vogal [i, e, ε, a, ɔ, o, u], caracterizando um contínuo sonoro crescente que atinge seu pico no núcleo preenchido por uma vogal (Bisol, 1999; Mateus; D'andrade, 2000). Todavia, sequências assinaladas pela presença de [ɾ] como C₂ fogem a tal regra, pois assinalam o encontro de duas obstruintes que possuem o mesmo grau de sonoridade, especialmente em sequências de fricativas como [fɾ]. Assim sendo, notamos que essa proposta de silabificação do português, ao ser pautada em um conjunto de regras que pretende realizar generalizações naturais, não explana os dados do PSTP, pois gera a violação de um princípio.

Em relação a outros modelos teóricos, como a teoria da otimalidade (TO), a violação de restrições é esperada, o que poderia, a princípio, explicar sequências sonoras como [fɾ]. Nesse sentido, a TO substitui uma análise derivacional pautada na hierarquização de princípios invioláveis, e assume a existência de restrições universais violáveis que são hierarquizadas de modos distintos em diferentes línguas. Dessa forma, cada língua (e, em nosso caso, cada variedade de língua portuguesa) hierarquiza, particularmente, as

restrições universais para alcançar um candidato ótimo, isto é, um output que viole minimamente as restrições ranqueadas (SCHWINDT, 2014). A partir dessa perspectiva, as restrições de sonoridade estariam ranqueadas de modos distintos para o PB e para o PSTP, visto que, para a última variedade, o output [fɾ] é ótimo, ao passo que, para o PB, a sequência consonantal ótima, em um onset complexo formado por um rótico, abarca sempre o tepe na posição de C2, sendo sequências como *[fɾ] agramaticais. No entanto, é preciso mencionar que, em PSTP, as duas formas são produtivas, [fɾ] ~ [fr], e, portanto, ambas as sequências sonoras poderiam ser outputs ótimos na variedade de STP. Isto é, há mais de um output possível, o que não é previsto pela TO tradicional, revelando que a variação linguística desafia o mecanismo de mapeamento entre input e output(s) do modelo (Battisti, 2010).⁴

O caráter variável e múltiplo dos róticos, em suma, aponta para um fenômeno de posteriorização que atinge todas as posições silábicas: onset, C2 de um cluster e coda. Tal fenômeno além de ser interpretado como uma lenição que pode culminar, como indicado na seção 3.4, em seu completo apagamento, gera templates inovadores no PSTP que não são apreendidos por regras formalistas tradicionais. A seguir, na seção 4.5, analisaremos outro processo cujo resultado são estruturas silábicas inovadoras: ensurdecimento e apagamento vocálico.

3.5 Ensurdecimento e apagamento vocálico

Na seção 3.1, vimos que, no PSTP, consoantes são comumente apagadas caso estejam em posição de coda, ou caso estejam licenciadas em um C2 de um onset complexo. O resultado desses apagamentos são sílabas CV, na medida em que: CVC > CV e CCV > CV. Não obstante, além desses processos de apagamentos consonantais, observamos, ainda, apagamentos vocálicos, cujo output aponta para uma direção contrária aos apagamentos consonantais: templates complexos e, muitas vezes, não contemplados por regras tradicionais de silabificação do português são gerados.

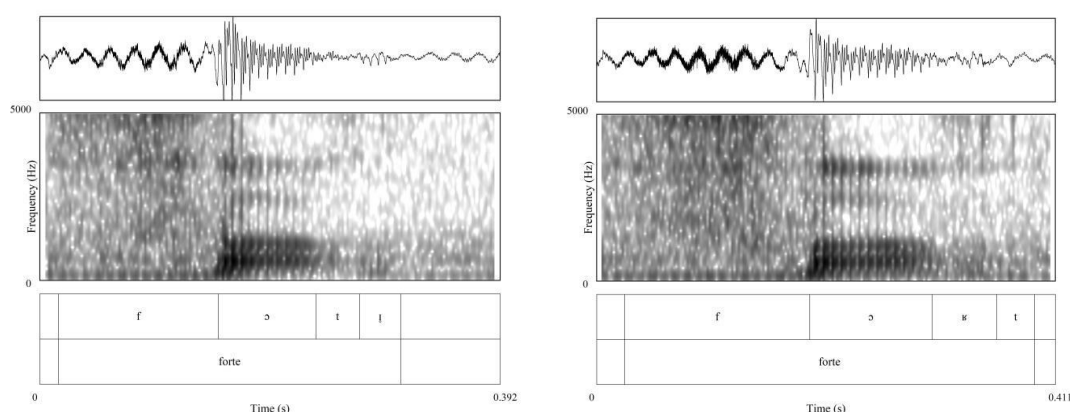
O apagamento de vogais atinge, sobretudo, as vogais altas [i] ou [u], em sílabas átonas, co-ocorrendo, ainda, com seu desvozeamento como indicado em (7).

⁴ A esse respeito, diferentes propostas em relação à variação na TO são apresentadas: Anttila e Cho (1998), Goldwater e Johnson (2003), Coetzee (2006) e Wilson (2006). Para citar um exemplo, a Gramática de Máxima Entropia (GOLDWATER; JOHNSON, 2003; WILSON, 2006) concebe uma gramática com mais de um *output* ótimo possível. Isso ocorre mediante o uso da ferramenta *MaxEnt Grammar Tool* que, ao atribuir diferentes pesos às restrições utilizadas, modela a gramática com variação e indica as probabilidades de ocorrência dos *outputs* atestados.

- (7) a. escola [iʃ.ˈkɔ.lɐ] ~ [iʃ.ˈkɔ.lɐ] ~ [ˈʃkɔ.lɐ]
 b. bicho [ˈbi.ʃɔ] ~ [ˈbi.ʃɔ] ~ [ˈbiʃ]

De acordo com Meneses (2017), o desvozeamento vocálico é um fenômeno comum em muitas línguas naturais, atingindo, normalmente, as vogais altas [i] e [u] produzidas entre segmentos surdos, como demonstrado, também, no PSTP em (7). Nas variedades de STP, esse fenômeno já foi reportado em trabalhos como Balduino (2020a), Santiago *et al.*, (2021) e Balduino e Freitas (2022), e pode ser identificado no espectrograma da figura 7.

Figura 7 – Espectrogramas dos itens forte [ˈfɔʁt] e [ˈfɔtɪ] produzido falantes do PST



Fonte: Elaboração da autora a partir do script de Torres (2005).

No primeiro espectrograma, a vogal [i], normalmente mais breve em relação às vogais médias e baixas, perdeu o vozeamento em [ɪ], sendo produzida de forma reduzida, além de ser caracterizada, acusticamente, pela ausência de periodicidade no sinal acústico e pelo enfraquecimento da barra de vozeamento no espectro – a qual é realizada de modo menos intenso. Já no segundo espectro, em forte [ˈfɔʁt], a vogal nem mesmo é observada: a fronteira de palavra é demarcada pela oclusão de [t].

No PSTP, tanto o ensurdecimento quanto o apagamento têm como alvo os mesmos segmentos e domínios, isto é, vogais altas com consoantes surdas adjacentes produzidas em sílabas átonas. Assumimos, desse modo, que ambos os processos são co-ocorrentes e apontam para a alteração do template silábico pelo enfraquecimento de uma vogal que ocupa uma sílaba átona: quer pretônica, postônica medial ou átona final.

Na tabela 6, a exemplo de Balduino (2020a), para o PP, reunimos dados com apaga-

mentos vocálicos nas variedades examinadas. O apagamento de [i] ou [u] resulta na alteração de sílabas simples, como VC ou CV, em sílabas complexas: CCV, CCCVC, CCVC, CCCV, VCC, CVC, CVVC e CVCC. Tais templates, uma vez que não são previstos por regras clássicas de silabificação do português, demonstram combinações segmentais inovadoras que, invariavelmente, contêm uma sibilante [ʃ, s, z] em sua constituição.

Tabela 6 – Templates silábicos: apagamento das vogais altas [i] e [u] no PSTP

Palavra			Template Original	Template resultante
Escola	[iʃ. 'kɔ.lɐ]	~ ['ʃkɔ.lɐ]	VC .CV	CCV ʃC1V
Desporto	[diʃ. 'por.tu]	~ ['dʃpor.tu]	CV C.CVC	CCCVC ʃC1C2VC
Explicar	[iʃ.pli 'ka]	~ [ʃpli. 'ka]	VC .CCV	CCCV ʃC1C2V
Escalar	[iʃ. ka. 'lɐ]	~ [ʃka. 'lɐ]	VC .CCV	CCCV ʃC1V
Estrada	[iʃ. 'tra.dɐ]	~ ['ʃtra.dɐ]	VC .CCV	CCCV ʃC1C2V
Absurdo	[a.bi. 'sur.dɔ]	~ [a. 'bsur.dɔ]	CV .CVC	CCVC C1sV
Obstáculo	[o.biʃ. 'ta.ku.lu]	~ [obʃ. 'ta.ku.lu]	V. CV C.CV	VCC.CV VC1ʃ
Bicho	['bi. ʃu]	~ ['biʃ]	CV. CV	CVC CVʃ
Dezenove	[di.ze. 'nɔ.vɪ]	~ [dze. 'nɔ.vɪ]	CV .CV	CCV C1zV
Dezoito	[di. 'zoɪ.tu]	~ [di. 'zoɪt]	CVV. CV	CVVC C1zVVC2
Lápis	['la. piʃ]	~ ['lapʃ]	CV. CV C	CVCC C1VC2ʃ

Fonte: elaboração própria.

A sibilante parece, então, ser relevante para a emergência de sílabas complexas inovadoras, pois, dentre os outputs gerados, esta pode ser observada como C1 em onset ou como C2 em coda. A esse respeito, estudos como Soares (2016) e Cristófaros Silva (2016) indicam que, no PB, os padrões inovadores com sílabas complexas também têm, em sua composição, uma sibilante licenciada. O PSTP apresenta comportamento semelhante, visto que, nos dados analisados neste artigo, notamos [ʃ, s, z] em todos os templates resultantes.

Para Mateus e D'Andrade (2000), com base na proposta de Selkirk (1982), há uma ordem de silabificação, na qual o onset é silabificado antes da coda, sendo estabelecido pelo Princípio de Maximização do Ataque (Selkirk, 1982, p. 345), que postula ser o onset desenvolvido antes da formação da coda. Esse princípio estaria submetido, ainda, ao Princípio de Sonoridade Sequencial, posto que o material segmental do onset é silabificado, como vimos na seção 3.4, em uma ordem linear crescente de sonoridade, sendo os segmentos licenciados como C1 e C2 menos sonoros em relação ao núcleo - o qual configura o pico de sonoridade da sílaba. O português, de acordo com Bisol (1999) e Mateus

e D'Andrade (2000), é uma língua que licenciaria, no máximo, duas consoantes em onset, sendo que tais segmentos estariam, além disso, submetidos aos princípios referidos.

Os resultados na tabela 6, entretanto, enfraquecem o poder explicativo de tal proposta de silabificação para o português, visto que variedades congêneres da língua, como o PSTP, apresentam, recorrentemente, templates que extrapolam os clusters tradicionalmente previstos e geram sílabas complexas. Ressaltamos, portanto, que tal proposta não acomoda a variação e, por isso, não consegue explicar estruturas recorrentes do PSTP que decorrem, também, de processos muito comuns a tal variedade.

4 Fenômenos do PST e do PP: sílabas CV e outras estruturas silábicas resultantes

Como demonstrado ao longo da seção anterior, processos como o apagamento consonantal de codas e onsets complexos, assim como a vocalização, a nasalização e a posteriorização do rótico em coda, privilegiam sílabas abertas no PSTP: CV, CṼ, CVV. Esse resultado, entretanto, embora reiterado por diferentes fenômenos da língua, é observado concomitantemente a outra possibilidade verificada na variedade de São Tomé e Príncipe: a emergência de padrões silábicos complexos resultantes (i) do desvozeamento e apagamento das vogais altas [i] e [u] átonas, bem como (ii) de novas sequências sonoras em estruturas silábicas típicas ao português (CCV), decorrentes da posteriorização do rótico em onset.

A análise conjunta dos fenômenos contemplados neste estudo corrobora a investigação de Cristófar Silva (2016) para o PB, indicando que, também no PSTP, os processos são reflexos da natureza complexa e dinâmica dos sistemas linguísticos, sendo, portanto, orgânica a natureza não categórica, variável e conflitante observada nos fenômenos e nos resultados elencados: a tipologia silábica do PSTP está em processo de mudança e, por isso, há diferentes trajetórias silábicas nas variedades investigadas.

Os distintos processos, tendo como foco a sílaba, sugerem que um modelo de silabificação estático, caracterizado por princípios gramaticais fixos, não explana, de maneira satisfatória, nem os padrões complexos emergentes, nem as novas sequências sonoras observadas no PSTP. Esse fato, nos leva a ponderar a relevância de a tipologia silábica no PSTP ser investigada a partir das relações complexas desse sistema, contemplando a inter-relação entre diferentes fenômenos fonológicos que compõem a língua e apontam para outputs diversos. Assim sendo, a perspectiva teórica dos Sistemas Adaptativos Complexos (SACs) (Larsen Freeman, 1997, 2007; Beckner *et al.*, 2009; Cristófar Silva; Leite, 2015; Cristófar Silva, 2016), tal qual defendida por Cristófar Silva (2016) para

o PB, parece ser uma abordagem interessante para acomodar a variação e a complexidade observada no PSTP.

Os Sistemas complexos são formados por elementos heterogêneos que interagem entre si de modo dinâmico, estando, por isso, em constante mudança e auto-organização (Beckner *et al.*, 2009). De acordo com a proposta de Cristófaró Silva (2016, p. 225) para o PB, as sílabas abertas são um padrão robusto nessa variedade, entretanto, o conflito entre sílabas abertas e fechadas levou à emergência de novos padrões silábicos em algumas variedades do PB, demarcando, assim, uma estratégia do sistema em evitar um estado de equilíbrio – visto que a variação e a dinamicidade é uma característica fundamental da proposta dos SACs. Logo, a língua, por ser um sistema dinâmico, se adaptaria às inovações, promovendo padrões emergentes que interagem entre si e resultam na natureza complexa do conhecimento gramatical (Cristófaró Silva; Leite, 2015). Embora não componha nosso objetivo escutar os fenômenos elencados, adentrando, em mais profundidade, a perspectiva teórica dos SACs, ressaltamos a relevância de investigação conjunta dos processos aqui avaliados dentro de um quadro teórico que comporte a variação e a natureza complexa e dinâmica das línguas.

Há de ser considerado, por fim, que o PSTP emergiu e está em contato com línguas autóctones que, assim como a variedade reportada, apresentam padrões diversos. O santome e o lung'Ie, por exemplo, contêm sílabas do tipo CCCV, como em [ʃkle.'ve] SANTOME 'escrever' (Bandeira, 2017, p. 169) e em [ʃtrĩ.kɪ] LUNG"IE 'nos trinquês' (Agostinho, 2015, p. 83). No entanto, assim como demonstrado para o PSTP, nos casos de três sequências consonantais, há, necessariamente, a produção de uma sibilante como parte do onset. Além do mais, o santome e o lung'Ie também demonstram uma quantidade robusta de sílabas CV, sendo essa estrutura, de acordo com Agostinho (2015, p. 69), a forma mais recorrente no lung'Ie, atestada em 74% dos dados examinados pela autora.

O PSTP emergiu e está em contato, desse modo, com línguas que, desde sua especiação, apresentaram ambas as trajetórias silábicas, entretanto, a despeito da diversidade de padrões silábicos, ainda preferem sílabas abertas (Agostinho, 2015; Bandeira, 2017). Ao compreender a língua como um organismo que evolui no meio onde está inserido, Mufwene (2004), indica que o contato promove interações complexas entre os membros da comunidade. Tais interações, em STP, poderiam promover a sobreposição e a competição de traços linguísticos, tais quais a prevalência de sílabas CV/CVV co-ocorrendo com outras estruturas silábicas possíveis, porém menos comuns em relação aos processos que culminam em sílabas abertas.

Em geral, traços linguísticos de maior semelhança entre as línguas participantes do contato tendem a ser favorecidos, ao passo que traços dessemelhantes tendem a ser desfavorecidos (Avelar; Galves, 2014). No caso dos fenômenos abordados neste artigo, que apontam para resultados distintos em relação à sílaba, notamos que as línguas em contato, português, santome e lung'le, têm sílabas complexas e estruturas CV em seu sistema e, por isso, poderiam, mutuamente, reforçar tais traços. Tal hipótese, embora não configure o foco desse artigo, é um aspecto importante a ser avaliado em análises futuras. Além do mais, é preciso considerar, em consonância com o contato, o estatuto do PE em São Tomé e Príncipe, variedade na qual estruturas silábicas complexas são reportadas em decorrência de apagamentos vocálicos. Ainda que não haja um número razoável de falantes portugueses que dominem a norma lisboeta e possam oferecer input para um contato intenso entre PSTP e PE no país, essa norma constitui, ainda, o alvo da escolarização, como discutido na seção 2. Ademais, como pôde ser observado durante os trabalhos de campo no arquipélago, muitos falantes têm uma atitude positiva em relação ao PE, o que poderia ser um fator externo, mas não único, colaborando para a emergência de padrões complexos.

O que podemos afirmar, neste momento, é que, assim como pontuado por trabalhos como Balduino (2020a), a tipologia silábica do PSTP é variável, havendo uma diversidade notável de padrões silábicos que, muitas vezes, não são explicados pelos princípios estáticos estabelecidos por propostas gerativas tradicionais de silabificação. É necessário, assim, abordar a questão com base em modelos que acomodem tal variação e sejam capazes de abarcar o cenário de contato nas quais o PSTP, assim como outras variedades faladas em STP, emergiram e são faladas, contemplando, dessa forma, a complexidade subjacente ao PSTP enquanto língua natural, logo enquanto sistema.

5 Considerações Finais

Neste artigo, analisamos alguns processos fonológicos do PSTP como: apagamentos de clusters, coda e núcleo; ensurdecimento vocálico; vocalização, nasalização e posteriorização do rótico. Para tanto, trabalhamos com um corpus do PSTP coletado *in loco*, além de nos pautarmos, outrossim, no levantamento da literatura especializada em aspectos fonológicos nas variedades de STP (Agostinho, 2016; Bouchard, 2017; 2018; Brandão *et al.*, 2017; Gomes, 2018; Balduino, 2018; 2020a; 2020b; 2022; Santiago, 2019; Agostinho; Mendes, 2020, entre outros).

Com base no estudo de Cristófaró Silva (2016), que aponta a relevância de analisarmos os fenômenos da língua de maneira conjunta, e não apenas de forma fragmenta-

da, notamos que o PSTP apresenta fenômenos que modificam sílabas CCV ou CVC em templates CV, como é o caso dos apagamentos consonantais, da vocalização e da nasalização são modificadas para templates CV ou CVV. No entanto, o percurso inverso também foi atestado e, através de processos de ensurdecimento e apagamento de vogais átonas, sílabas CV, VC ou CVC podem ser modificadas para estruturas mais complexas, como, por exemplo, para CCCVC. Em relação à posteriorização do rótico, constatamos, para além da lenição de coda, a emergência de novas sequências sonoras em onsets, caracterizadas, muitas vezes, pela adjacência de fricativas como em [fɾ] ou de oclusivas e fricativas [gɾ].

A produção de sílabas complexas, ou mesmo de sequências sonoras compostas por um rótico posteriorizado, não pode ser explanada de maneira satisfatória por propostas gerativas tradicionais de silabificação. Sugerimos, portanto, que a tipologia silábica no PSTP seja avaliada considerando, de fato, a variação promovida pelos fenômenos da língua, contemplando, assim, as relações complexas desse sistema que miram para outputs distintos e inversos. Ressaltamos, por fim, a importância de não descartarmos o contato linguístico como elemento favorecedor das relações silábicas complexas atestadas no PSTP, posto que tal variedade emergiu e convive com línguas como o santome e o lung'ie que, em sua estrutura fonológica, possuem uma quantidade robusta de sílabas CV, mas também contemplam sílabas complexas como CCCV, CCCVC, dentre outras.

Referências

AGOSTINHO, A. L. *Fonologia e Método Pedagógico do Lung'ie*. 2015. 446f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2015.

AGOSTINHO, A. L. Róticos em contexto intervocálico no Português da Ilha do Príncipe: fonologia e educação. In: ENCONTRO DA ABECS, IX. 2016, Brasília. Trabalho apresentado. Brasília: Universidade de Brasília, 2016. p. 48-49. Disponível em: <https://encontroabecs.wordpress.com/cad-de-resumo>. Acesso em: 10 set. 2020

AGOSTINHO, A. L.; SOARES, E.; MENDES, M. Merging of quasi-phonemes in contact situations: evidence from rhotics in Principense Portuguese. In: ANNUAL MEETING ON PHONOLOGY: 2020, California, University of California Santa Cruz, 18-20 de setembro de 2020.

AGOSTINHO, A. L.; MENDES, M. A grafia dos róticos intervocálicos no português da Ilha do Príncipe: fusão fonológica e ensino. *Veredas - Revista de Estudos Linguísticos*, v. 24, n. 3. 2020. p. 154 -176.

ANTILLA, A.; CHO, Y.Y. Variation and change in Optimality Theory. *Lingua*, v. 104, p. 31-56, 1996.

ARAUJO, G. Há uma política linguística para o português em São Tomé e Príncipe?. In: SOUZA, S; OLMO, F. C. (org.). *Línguas em português: a lusofonia numa visão crítica*. Porto: Universidade do Porto Press, 2020. p. 173-197.

AVELAR, J; GALVES, C. O papel das línguas africanas na emergência da gramática do português brasileiro. *Linguística: Revista da Associação de Linguística e Filologia da América Latina-ALFAL* v. 30, n. 2. 2014. p. 241-288.

BALDUINO, A. M. *A nasalidade vocálica no português falado em São Tomé e Príncipe*. Orientado por Gabriel Antunes de Araujo. 2018. 296f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

BALDUINO, A. M.; VIEIRA, N. M. Distribuição da lateral /l/ em coda no português santomense. *Estudos Linguísticos*, São Carlos, SP, v. 49, n. 2, p. 594-615, 2020. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/2490>. Acesso em 15 jan. 2022.

BALDUINO, A. M.; VIEIRA, N. M.; FREITAS, S. A coda no Português Santomense (PST) e Principense (PP): aspectos gerais e processos de apagamento. *Revista da Abralin*, v. 19, n. 1, p. 1-26, 2020. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1690>. Acesso em 15 nov. 2020.

BALDUINO, A. M. Nasality Triggered by /ɲ/ in two Portuguese of São Tome and Principe. *Diadorim*, v. 22, n.3, 2020a, disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/36244/21425>. Acesso em: 20 jan. 2022.

BALDUINO, A. M. Templates silábicos no Português do Príncipe: processos em coda e ‘prevalência’ de sílabas CV. *Filologia e Linguística Portuguesa*, v. 22, n. 2, p. 247-270, 2020b, disponível em: <https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/175052/16950>.

BALDUINO, A.M. *Fonologia do Português de São Tomé e Príncipe*. 2022. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

BALDUINO, A.M.; FREITAS, S. Vogais pretônicas no português urbano de São Tomé. *Linguística*, v. 38, n. 2, p. 1-20, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5935/2079-312x.20220017>

BANDEIRA, M. *Reconstrução fonológica e lexical do protocrioulo do Golfo da Guiné*. 2017. 439f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

BATTISTI, E. Variação. In: BISOL, L.; SCHWINDT, L. *Teoria da Otimidade: Fonologia*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010.

BRAGA, G. *A prosódia do português de São Tomé: a entoação do contorno neutro*. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

BECKNER, C. *et al.* The Five Graces Group'. Language is a complex adaptive system: Position paper. *Learning*, v. 59, Suppl. Language1. 2009. p. 1-27. Disponível em: <https://www.unm.edu/~jbybee/downloads/BecknerEtAl2009ComplexAdaptiveSystem.pdf>. Acesso em: 20 abri. 2021.

BISOL, L. A sílaba e seus constituintes. In: NEVES, Maria Helena Moura (Org.). *Gramática do Português culto falado: novos estudos*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999. p. 701-742.

BOUCHARD, M. *Linguistic Variation and Change in the Portuguese of São Tomé*. 2017. 389f. Dissertation (Doctoral) – Department of Linguistics, New York University, New York, 2017. DOI: <https://doi.org/10.5334/jpl.192>

BOUCHARD, M. Subject pronoun expression in Santomean Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 17, n. 1, 2018.. DOI: <http://doi.org/10.5334/jpl.191>

BRANDÃO, S. F. *et al.* Róticos na variedade urbana do Português de São Tomé. *Papia*, São Paulo, v. 27, n. 2. 2017. p. 293-315.

CASTILHO, A. T. Variação dialetal e ensino institucionalizado da língua portuguesa. In: BAGNO, M. (Org.). *Linguística da Norma*. São Paulo: Loyola, 2002.

CHRISTOFOLETTI, A. *Ditongos no português de São Tomé e Príncipe*. Dissertação (Mestrado em Filologia em Língua Portuguesa) - Universidade de São Paulo, 2013.
COETZEE, A. W. Variation as accessing non-optimal candidates. *Phonology*, v. 23, p. 337-385, 2006.

CRISTÓFARO SILVA, T. Padrões sonoros emergentes: (oclusiva alveolar + sibilante) no português brasileiro. *Caderno de Letras*, n. 24. 2015. p. 15-36.

CRISTÓFARO SILVA, T. Trajetórias fonológicas: evolução e complexidade. *Revista Linguística*. Volume Especial, p. 215-229. 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/5448>. Acesso em: 20 nov. 2020.

FARACO, C.A. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

GOLDSMITH, J. Syllable Structure. In: Godlsmith Jonh. *Autosegmental and metrical phonology*. Nova Jersey: Wiley-Blackwell Publishing; 1990. p.103-140.

GOLDWATER, S; JOHNSON, M. Learning OT constraint rankings using a maximum entropy model. *Proceedings of the Workshop on Variation within Optimality Theory*. pp. 111 – 120, 2003.

GOMES, D.K. Vogais em contexto postônico medial no português de São Tomé. In: BRANDÃO, Silvia Figueiredo. (Ed.). *Duas variedades africanas do português: variáveis fonético-fonológicas e morfossintáticas*. São Paulo: Blucher, 2018. p. 159-176.

GONÇALVES, R. *Propriedade de subcategorização verbal no português de S. Tomé*. 2010. 151f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2010.

GONÇALVES, R; HAGEMEIJER, T. O português num contexto multilingue: o caso de São Tomé e Príncipe. *Revista Científica da Universidade Eduardo Mondlane*, Maputo, v. 1, n. 1, p. 84-103, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/31032/1/Goncalves%26Hagemeijer2015.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2020.

INE - Instituto Nacional de Estatística de São Tomé e Príncipe. 2012. Disponível em: <https://www.ine.st/>. Acesso em: 10 jun. 2020.

LARSEN-FREEMAN, D. Chaos/complexity science and second language acquisition. *Applied Linguistics*, Oxford. Jun. 1997. p. 141-165.

LARSEN-FREEMAN, D. On the complementarity of Chaos/Complexity Theory and Dynamic Systems Theory in understanding the second language acquisition process. *Bilingualism: Language and Cognition*, Cambridge, v. 1, n. 10. 2007. p. 35-37.

MATEUS, M; D'ANDRADE, E. *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford Linguistics, 2000.

MENESES, F. *As vogais desvozeadas no Português Brasileiro: investigação acústico-articulatória*. 2012. 123f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

MUFWENE, S. *The Ecology of Language Evolution*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

NEVES, M. H. M. Para uma gramática escolar: linguística, uso linguístico e gramática na escola. In: NEVES, Maria Helena de Moura. *Que gramática ensinar na escola? Norma e uso da língua portuguesa*. São Paulo: Editora Contexto, 2021, p. 153-163

SANTIAGO, A. M. *As vogais do português do Príncipe*. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Letras) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

SANTIAGO, A. M.; AGOSTINHO, A. Situação linguística do português em São Tomé e Príncipe. *A cor das Letras*, Feira de Santana, BA, v. 21, n. 1. 2020. p. 39-61. DOI: <https://doi.org/10.13102/cl.v21i1.4970>.

SCHWINDT, L. C. Teoria da otimidade e fonologia. In: BISOL, Leda (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro* [recurso eletrônico] Dados eletrônicos. Porto Alegre: EDIPUCRS, p 236-257, 2014

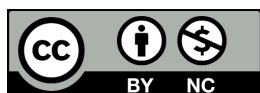
SIGNORINI, I. A questão da língua legítima na sociedade democrática: um desafio para a linguística aplicada contemporânea. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

SELKIRK, E. The syllable. In: HULST, H. V; SMITH, N. (Ed.). *The Structure of Phonological Representations*. Dordrecht: Foris. 1982. p. 337-383.

TORREIRA, F. Draw Objects in Praat. Script. 2005.

WILSON, C. Learning phonology with substantive bias: an experimental and computational study of velar palatalization. *Cognitive Science*. v. 30, n. 5, p. 945-982. 2006.

VIEIRA, N.; BALDUINO, A. M. Apagamento do rótico em coda no Português Santomense (PST): uma análise sociolinguística. *Revista de Estudos de Linguagem*, Belo Horizonte, v. 29, n. 3, p. 2011-2040, 2021.



Data de submissão: 21/12/2022

Data de aceite: 15/02/2023